



**O turista, o estrangeiro e o viajante:  
notas para uma sociologia do turismo e da viagem<sup>1</sup>**

Euler David de Siqueira (Universidade Federal de Juiz de Fora)<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo discute as diferenças entre as categorias turista, estrangeiro e viajante como formas sociais distintas. O objetivo é o de contribuir à discussão teórica no campo do turismo. No turismo, estamos, para todos os efeitos, diante de um campo polissêmico, difuso e complexo. É dos sentidos e significados da viagem, incluindo o turismo, que devemos perguntar, a fim de dar conta de situar em bases mais claras, o turismo assim como o turista. O estrangeiro e o viajante, é o que defendo, são formas de interações sociais, sínteses e unidades dos conteúdos e das vontades individuais. Conceber o turista como forma social criada a partir das mais variadas e múltiplas interações sociais, pode ser uma boa forma de compreender essa importante e complexa manifestação da vida social contemporânea.

**Palavras-chave:** Imaginários e turismo, interação, sociedade, forma social.

**Introdução**

No mercado de bens simbólicos intelectuais, há uma oferta abundante de definições para o que se convencionou chamar de turismo. Ele é definido como atividade econômica, ação política, um misto de várias esferas sociais, “indústria” que não polui, fenômeno típico das sociedades pós-industriais, etc. Apesar do esforço de inúmeros analistas para colocar em bases transparentes e precisas a natureza do turismo, persiste a grande variação de definições, orientadas pelos mais diferentes pressupostos teórico-metodológicos.

Afinal, o que é turismo? Como e quando ele se forma? Há um começo, meio e fim para a atividade turística? Pode alguém que viaja a trabalho estar fazendo turismo ao mesmo tempo? Não há, absolutamente, uma definição que leve em conta os campos subjetivos e objetivos da atividade social turismo todos ao mesmo tempo. Se já não fosse complexa a discussão em torno do turismo, também há a que versa sobre o sujeito da ação que faz turismo, o turista. Ao mesmo tempo, outras categorias, como o viajante, adicionam

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao NP – Comunicação, turismo e hospitalidade, do VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Cientista social pelo IFCH/UERJ, Mestre e Doutor em Sociologia e antropologia pelo IFCS/UFRJ. Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Departamento de Turismo do ICH/UFJF. Email: [euler@pesquisador.cnpq.br](mailto:euler@pesquisador.cnpq.br), [euler.david@ufjf.edu.br](mailto:euler.david@ufjf.edu.br) Este trabalho conta com o financiamento da FAPEMIG/MG.



material capaz de complexificar a discussão. É em torno dessa problemática que me movimentarei tentando oferecer uma resposta que seja razoável.

Turismo e ritual mantêm relações estreitas. Em sua relação com o ritual, o turismo ganha contornos cuja centralidade parece estar, principalmente, nos aspectos *liminares*. É sobretudo de um tipo de deslocamentos simbólico ou imaginário que estou enfatizando aqui. Dessa forma, como “fenômeno social total, turismo implica em se estar, a todo momento, atravessando fronteiras. Não só físicas, mas, principalmente, morais e simbólicas. O deslocamento simbólico, no turismo, adquire um valor em si mesmo” (SIQUEIRA, 2006c, p.02). Ainda de acordo com esse ponto de vista,

Não importa muito para onde vamos, quando viajamos, saímos momentaneamente de nossa sociedade para ingressarmos em outras. Ao sairmos ou voltarmos às nossas casas para o trabalho ou mesmo quando viajamos, passamos por aquilo que Arnold Van Gennep (1977) nomeou como *rituais de passagem* (SIQUEIRA, 2006c, p.02).

Em grande parte, defendo que viajar, mesmo a turismo,

então, comporta tanto a saída quanto a chegada a um outro lugar e mesmo o retorno, quando se faz o caminho de volta. Contudo, quando vemos a viagem apenas como saída, chegada e retorno, deixamos de lado o que acontece durante o deslocamento ou quando estamos, momentaneamente, entre a saída e a chegada: é o que chamamos de liminaridade (SIQUEIRA, 2006c, p.03).

Se o ritual ganha destaque para se compreender os deslocamentos no campo do turismo, o imaginário e as representações sociais não ficam muito atrás diante de seu poder de mobilizar as atenções de turistas em potencial. É assim que o turista pode “ser entendido como o sujeito que, ao adicionar imagens às dos cartões-postais, põe seu imaginário a misturar, fundir e refundir imagens dinamicamente” (SIQUEIRA, 2006b, p.07). Para além da idéia de oferecer uma definição inequívoca entre turismo, viagem e excursão, por exemplo, afirmo que o foco do fenômeno turístico estaria no distanciamento ou no afastamento do sujeito em relação à sua sociedade seja lá por que razão ou por quanto tempo fosse. Dessa forma,

Turistas, viajantes, excursionistas - seja lá o nome que se queira dar àqueles que se deslocam nos mais diferentes meios de transporte, fazendo uso de seu próprio corpo como *técnica corporal* (MAUSS, 1974) - são pessoas que se encontram afastadas, física e moralmente, momentaneamente de suas sociedades, de seus locais de residência e trabalho, enfim, de seus ambientes normais de contato e vida social habitual ou cotidiana (LEACH, 1992; VAN GENNEP, 1977) (SIQUEIRA, 2006c, p.02).



Para todos os efeitos, estarei, nesse trabalho, me propondo a reconstruir uma definição de turismo em torno de uma perspectiva *sociológica interacionista*, notadamente aquela que tem em Georg Simmel um de seus expoentes. Nesse sentido, indago se turismo pode ser entendido como uma forma de interação social. Não vejo problemas para que turismo seja entendido como uma forma de interação social. Mas, que tipo de interação seria essa? Aí, sim, temos um bom problema em mãos. Caso possa dar uma resposta positiva a essa pergunta, então, poderei nesse trabalho, pensar em uma definição de turismo como processo interacional ao invés de pensá-lo como uma coisa apreendida em si mesma, tratada de maneira objetiva e positivista ao extremo. Mas, imediatamente, outra questão surge àquela primeira: por que viajamos? O que nos move para os mais diferentes lugares de nosso país ou do mundo? O que faz com que uma pessoa ou sua família ou ainda um grupo de pessoas esteja pronta a encarar a dura e estressante maratona de procedimentos burocráticos, jurídicos, políticos, econômicos, religiosos, estéticos, técnicos, habitacionais, etc.,? Não estou oferecendo, pelo menos é o que penso, uma resposta rápida a uma pergunta cuja solução faria de qualquer um *milionário*. Minha intenção, ao fazer essa pergunta, é poder introduzir a idéia de motivo, interesse, vontade, pré-disposição, etc., como elementos fundantes na sociedade contemporânea como campo de escolha dos indivíduos em sua decisões de fôro íntimo mas que *em si mesmos ainda não são sociedade ou sociação* (VELHO, 1994). Meu objetivo é evitar cometer o equívoco de considerar elementos pré-sociais como sendo de fato sociais possuindo existências em si mesmos quando, na verdade, são o resultado de interações sociais. Para isso, tomo a sociologia alemã, notadamente nas figuras de Georg Simmel, Ferdinand Töennies, Von Wiese e Max Weber, como base de minha discussão teórica. Ao final desse trabalho, espero ter discutido e assentado o turismo como fenômeno social resultante de processos interacionais, possuindo uma forma social própria independente dos conteúdos que estejam presentes nas consciências dos indivíduos antes de se tornarem sínteses ou unidades sociais.

### **Motivo, indivíduo e sociedade**

A discussão em torno da interação se desdobra quando o turismo se torna alvo de comentários, olhares, críticas e conversas, seja em sala de aula ou mesmo em uma considerável parte da teoria que o toma como objeto de suas reflexões. Nesses casos, é



bastante comum a idéia de que algo ou alguma coisa opera como motivo, interesse ou causa motivacional à viagem do turista. Não é difícil perceber como, nesse terreno, pode-se escapar facilmente para o plano da psicologia mais simplista, seja ela de que tipo for. Em outras palavras, aciona-se, em inúmeros espaços e campos do saber, incluindo o senso comum, sem nenhum prejuízo dessa noção, a idéia de que o turista viaja ou se sente propenso a viajar por algum motivo ligado à sua vontade e ou subjetividade, somente a ela e nada mais do que ela. Senhor e dono de sua consciência e vontade, o sujeito moderno nos moldes cartesianos esgotou-se com as críticas às teorias mais estruturalistas, por exemplo (HALL, 1997).

Em geral, a noção de motivo e interesse aparecem como categorias explicativas à tomada de decisão privada do turista em se dirigir a alguma localidade turística. Não haveria, aí, nenhum problema quanto a idéia comum e corrente de que variando os motivos/interesses ou as motivações do turista - e deve-se destacar que a categoria motivação possui uma grande carga psicológica - variariam também seus destinos. A viagem do turista é, assim nessa perspectiva, motivada pela religião, pela busca do conhecimento, por aventuras, por sexo, por um maior contato com a natureza, pela “cultura”, pela história, pelo diferente, estranho, inusitado e exótico, pelo outro, etc. Tudo isso importa, de fato, para o turismo com fenômeno social, contanto haja rompido a esfera isolada do indivíduo e se transformado em síntese ou unidade social. Em uma palavra: *interação*. A questão que me importa, ao fazer da discussão sobre os motivos ou interesses que levam ou coagem alguém a viajar, é a de saber até que ponto o motivo ou o interesse do indivíduo torna o turismo, social, no sentido que Georg Simmel atribui à idéia de interação social. Creio que, no turismo, estamos considerando algo como específico do campo do indivíduo como já sendo algo sociável ou resultando em sociação e sociedade. Tal como Simmel (1983), entendo que o indivíduo é a própria condição a priori da sociedade ou da sociação. Em outras palavras, se há algo chamado sociedade é porque o indivíduo lhe é a condição a priori. Mas essa discussão, a de procurar conhecer se o turismo é ou não uma forma de interação social - na verdade, eu já adianto que concebo o turismo como uma síntese de interesses ou conteúdos que somente se tornam social à medida em que rompem o que neles há de individual - também está relacionada a tentativa de estar fundando uma noção de turismo como fenômeno social interacional total.



## **Sociedade como unidade entre conteúdo e forma**

À pergunta, o que é a sociedade? Simmel responde, “Vejo sociedade em toda parte onde os homens se encontram em reciprocidade de ação e constituem uma unidade permanente ou passageira” (SIMMEL, 1983, p.48). Para todos os efeitos, concebo o turismo como uma forma de interação. Nesse sentido, busco pensar “o conceito de interação social como fenômeno social amplo, tendo em seu âmago a noção de comunicação na produção de significados sociais e na própria constituição da sociedade”(SIQUEIRA, 2003, p.48). Comunicação e interação social se colocam como processos sociais bastante próximos, já que toda forma de interação social pressupõem, também, alguma forma de comunicação/troca. Em linhas gerais, entendo que a sociedade é

é construída através das mínimas relações entre os homens, denominadas interações, relações ou ainda ações mútuas e recíprocas. Em outras palavras, a comunicação é o processo central da constituição da vida social. Evidentemente, não se trata de um simples fazer sociedade por si só como se os sujeitos fossem totalmente autônomos. As interações constitutivas e comunicativas da sociedade criam determinadas ordens macrossociais que configuram-se, cristalizam-se e são sustentadas por novas interações (SIQUEIRA, 2003, p.48).

Na sociologia alemã, a interação social assume um status que a difere da sociologia francesa, notadamente a forjada por Durkheim e Mauss, principalmente. Assim é que a sociologia alemã se diferencia da matriz da escola sociológica francesa o que implica, dentre outras coisas, em entender que mais importante do

que explicar os fenômenos sociais apontando suas causas apelando a uma regularidade pretensamente existente no mundo da natureza, na sociologia alemã busca-se compreender os sentidos da ação dos sujeitos. Nas obras de Simmel, seus exemplos não são conceitos miméticos da realidade, mas exemplos que podem se manifestar sob diferentes formas assim como as mesmas formas podem ocorrer sob os mais diferentes conteúdos concretos da realidade empírica. O recurso utilizado por Simmel entre forma e conteúdo é melhor entendido como uma metáfora. Na realidade empírica, forma e conteúdo se acham inseparáveis, não havendo nenhuma preponderância de um sobre o outro. São dois lados de uma mesma moeda. Ambos os elementos são sintéticos, formam uma síntese unitária. Recorrendo à distinção entre forma e conteúdo, Simmel tem diante de si a oportunidade de ter um objeto abstraído de toda vida concreta ou de seus conteúdos particulares - que em si mesmos não chegam a ser sociais pois não se dirigem às ações de outros sujeitos - não caracterizando o processo interacional ou comunicacional (SIQUEIRA, 2003, p.49).

Como interação social, é preciso que haja diálogo, dialogicidade, troca, comunicação. Por acaso, no turismo não estamos, também, diante de relações



comunicacionais e que requerem o diálogo, em todas as suas dimensões? E elas podem assumir as mais variadas formas: cooperativas, conflituosas, competitivas, etc. No turismo, o outro sempre está em jogo na interação, seja para o bem ou para o mal. Nesse sentido,

uma frase não dita, um aperto de mão não realizado, um olhar que não foi lançado, um segredo que não foi contado, alguém que não foi xingado, não comunicam, não interagem, não formam sínteses, permanecem na condição potencial de se tornarem sociedade. Assim é que a sociedade, na vertente social alemã, está sempre por ser recriada, jamais encontrando-se pronta ou existindo a priori às interações serem efetivamente manifestadas e mantidas por um determinado período. E mesmo depois de se formarem, se dissolvem rapidamente, como as relações corriqueiras da vida cotidiana ou permanecem por mais tempo, como é o caso do Estado. Então, há interações de curta e de longa duração, estáveis ou instáveis. Há níveis interacionais em níveis macro e micro. Contudo, tanto o nível micro, como as relações familiares, por exemplo, quanto o macro, partem de mínimas relações chamadas de diádicas (SIQUEIRA, 2003,p.49).

O que é sociedade? Sociedade, a partir da perspectiva analítica de Georg Simmel, se constitui em uma unidade ou síntese entre *conteúdo e forma*. A forma social/sociedade, pode ter inúmeros motivos ou conteúdos que levem à sociação a despeito da unidade da forma:

Aquela unidade ou sociação (*Vergesellschaftung*) pode ter diversos graus, segundo a espécie e a intimidade que tenha a interação - desde a união efêmera para dar um passeio até a família; desde as relações por prazo indeterminado até a pertinência a um mesmo Estado; desde a convivência fugitiva num hotel até a união estreita de uma corporação medieval. Pois bem, designo como conteúdo ou matéria da sociação tudo quanto exista nos indivíduos (portadores concretos e imediatos de toda a realidade histórica) – como instinto, interesse, fim, inclinação, estado ou movimento psíquico –, tudo enfim capaz de originar ação sobre outros ou a recepção de suas influências (SIMMEL, 1983, p.60).

Conteúdo ou matéria da sociação, em estado puro, ainda como estados ou qualidades do indivíduo, não são em si mesmas formas sociais. São potencialmente ou virtualmente sociais, mas dependem de um outro sujeito que as suporte ou que as receba de outro sujeito. A estabilidade, em termos de duração, da sociação independe dos conteúdos da sociação. Elas podem, como diz Simmel, ser efêmeras, como um passeio com a família ou mesmo uma viagem turística ao exterior mais demorada, até formas mais estáveis, como o Estado ou o sindicato.

A compreensão do turismo como interação social pode ganhar e muito com a análise desenvolvida por Simmel para dar conta da própria natureza da vida social quando



compreendemos que, em si mesmos, os motivos/interesses ou os conteúdos das formas sociais, nada tem de sociais se não perfazem juntamente com a forma, uma unidade sintética: a própria *sociedade*. Transpondo a compreensão de que a forma social é uma síntese entre conteúdo e forma ou entre motivo, pré-disposição, inclinação, interesse, vontade, etc., e um outro sujeito que suporte e responda a esse conteúdo, o turismo somente pode ser entendido com forma social à medida em que outro ou outros sujeitos suportarem e responderem as ações daqueles que as emitem. É preciso que os indivíduos, que juntos formam a socialização, interajam, se comuniquem, seja colaborando, lutando, cooperando ou mesmo competindo. Segundo Simmel, nem a

a fome nem o amor, nem o trabalho nem a religiosidade, nem a técnica nem as funções e obras da inteligência constituem ainda socialização quando se dão imediatamente e em seu sentido puro. A socialização só começa a existir quando a coexistência isolada dos indivíduos adota formas determinadas de cooperação e de colaboração, que caem sob o conceito geral da interação. A socialização é, assim, a forma, realizada de diversas maneiras na qual os indivíduos constituem uma unidade dentro da qual se realizam seus interesses. E é na base desses interesses – tangíveis ou ideais, momentâneos ou duradouros, conscientes ou inconscientes, impulsionados causalmente ou induzidos teleologicamente – que os indivíduos constituem tais unidades (SIMMEL, 1983, p.60).

A forma sociedade indica que uma unidade ou síntese entre diversos atores sociais e seus interesses foi formada. Por quanto tempo? Isso pode variar enormemente. Uma mesma forma social pode ter diversos conteúdos ou matérias da socialização enquanto diversas formas sociais podem ter um único conteúdo da socialização. Nossos interesses somente podem ser realizados quando formam unidades em torno da forma e do conteúdo. Como explica Simmel, “Tais são justamente os elementos, inseparáveis na realidade, de cada ser e acontecer sociais: um interesse, um fim, um motivo ou forma ou maneira de interação entre os indivíduos, pelo qual ou em cuja figura aquele conteúdo alcança realidade social” (SIMMEL, 1983, p.61). Como unidade sintética, turismo nos informa das interações que os indivíduos formam a fim de realizar em seu interior, seus interesses. Como forma interacional, turismo diz muito menos respeito ao tempo e o espaço despendidos na viagem do que um sentido interno que somente se realiza quando o outro está em jogo.

### **O Estrangeiro e o viajante**

Viagem e turismo implicam no mesmo ato, gesto ou ação? Me valendo da distinção que Simmel estabelece entre a noção do viajante e do estrangeiro, o primeiro, como alguém



que chega hoje e parte amanhã e o segundo, como alguém que chega hoje e amanhã decide ficar, creio que posso pensar de uma maneira criativa a diferença entre viagem e turismo através da noção de interação. Efemeridade, duração e permanência, esses são alguns dos elementos envolvidos na forma social do estrangeiro e do viajante mas não menos na do turista. Ao discutir o *estrangeiro* como forma social, Simmel acaba por mencionar o ato de viajar, a viagem, e aquele que viaja, o viajante. Ao fazer isso, explica que o estrangeiro representa a *unidade* entre o ato de viajar, isto é, se liberar de um determinado ponto fixo, e o de permanecer em uma dada localidade, a oposição à viagem. Em outras palavras, Simmel procura demonstrar que o *estrangeiro* está para além da noção de alguém que viaja hoje e que retorna amanhã, como ele mesmo sugere. Aqui está, creio, a chave para o *turista*, pois sendo o estrangeiro aquele que permanece em uma outra sociedade ou grupo que não o seu próprio, o turista é aquele viajante que chega hoje e sai amanhã. Se a viagem, para Simmel,

é a liberação de qualquer ponto definido no espaço, e é assim a oposição à fixação nesse ponto, a forma sociológica do “estrangeiro” apresenta, por assim dizer, a unificação dessas duas características. Todavia, este fenômeno também revela que as relações espaciais são, de um lado, apenas a condição, e do outro, o símbolo, de relações humanas. É desse modo que se discute o estrangeiro aqui e não no sentido em que muitas vezes no passado se tocou neste assunto, considerando o viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica (1983, p.182).

Viajar implica em se liberar de qualquer ponto definido no espaço e se opor à fixação nesse mesmo ponto. Aquele que viaja não se fixa em nenhum ponto, pois está implícito que pretende voltar ou melhor, não se fixar em nenhum ponto enquanto viaja. Viajar é, deduzo, não “*estar*” em nenhum ponto fixo durante a viagem. A forma sociológica do *estrangeiro* significa que se trata de alguém que viaja, ou se libera de um ponto fixo ou definido do espaço e que, ao contrário do viajante, que chega hoje e volta amanhã, decide ficar. O estrangeiro, assim, como forma específica de interação social, é aquele que reúne de forma sintética o sair/afastar e o ficar/permanecer em um ponto definido, fixo. O estrangeiro, como o próprio Simmel, argumenta, é o viajante virtual; mesmo não tendo partido, ainda não rompeu plenamente com a relação *sair e voltar*, a fórmula do viajante, pois fica/permanece em uma outra sociedade ou grupo. Assim, o estrangeiro,



é, por assim dizer, o viajante potencial: embora não tenha partido, ainda não superou completamente a liberdade de ir e vir. Fixou-se em um grupo espacial particular, ou em um grupo cujo limites são semelhantes aos limites espaciais. Mas sua posição no grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originaram nem poderiam se originar no próprio grupo (SIMMEL, 1983, p.182).

O estrangeiro é um viajante, mas que não deixa de sê-lo mesmo quando se fixa pois, passa a condição virtual do viajante. E mais, ele, como o turista, além de não fazerem parte do grupo desde o começo, introduzem novos elementos no novo grupo ao qual pertencem podendo ocasionar mudanças e transformações sociais. O estrangeiro envolve, dessa maneira, uma síntese entre *proximidade* e *distância*, entre *estar* e *não estar*. Como forma social, ele é a síntese entre dois opostos que se complementam. Como unidade entre o estar próximo e o estar distante, o estrangeiro ganha contornos peculiares à análise do turismo. Segundo Simmel,

A unificação de proximidade e distância envolvida em toda relação humana organiza-se, no fenômeno do estrangeiro, de um modo que pode ser formulado da maneira mais sucinta dizendo-se que, nesta relação, a distância significa que ele, que está próximo, está distante; e a condição de estrangeiro significa que ele, que também está distante, na verdade, está próximo, pois ser um estrangeiro é naturalmente uma relação muito positiva: é uma forma específica de interação (1983, p.183).

Distância e proximidade, no estrangeiro, representam uma síntese. Com o turista, isso também ocorre. Ambos formam uma unidade. O estrangeiro se encontra distante por não ser originariamente do grupo ou da localidade, mas é devido a esse distanciamento que está próximo, positivamente. Da mesma forma, está próximo por estar distante, por não ser dali. Se o estrangeiro é uma forma de interação específica então, o turista, também é uma forma específica de interação.

O estrangeiro unifica o desligamento de um ponto fixo no espaço, como faz o viajante, mas, ao invés de *chegar hoje e voltar amanhã*, como faz o viajante, decide *ficar*. O estrangeiro unifica *distância e proximidade*. Ele está próximo e distante ao mesmo tempo. Ele é parte integrante do grupo ao qual originariamente não faz parte nem organicamente a ele está ligado. O turista também cria sociedade: é uma forma social, pois, “sociedade propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais e individuais”(SIMMEL, 1983, p.168). O estrangeiro pode olhar com



maior objetividade a realidade que se coloca ao seu redor pois, conforme Simmel, “A objetividade também pode ser definida como liberdade: o indivíduo objetivo não está amarrado a nenhum compromisso que poderia prejudicar sua percepção, entendimento e avaliação do que é dado” (1983, p.1850). A partir da distinção entre a forma social do estrangeiro e do viajante, estou a um passo da forma social do turista.

### **O turista: efemeridade e liminaridade**

Em parte de sua obra, Simmel fala da viagem, do viajante e do estrangeiro, mas não aborda o fenômeno do turismo nem a forma social do turista. Muito provavelmente porque o fenômeno ainda não se manifestava com todo seu vigor como hoje podemos observar. Em todo caso, sua discussão sobre o estrangeiro e o viajante são pontos de partida importantes para tratar do turista também como forma específica de interação. E é isso que tentarei fazer agora.

A princípio, o turista não é o estrangeiro. Mas pode svir a sê-lo. Contudo, parece se aproximar da forma social do viajante. Até que ponto posso me valer da noção do viajante como unidade para conceber o turista? Essa parece ser uma pergunta razoável. O turista, do que foi dito até agora, estaria muito mais próximo da forma social do viajante. Ou seja, daquela pessoa que *chega hoje e amanhã parte*. São dois movimentos em jogo. É importante notar que Simmel não toca ou menciona nenhum assunto ligado aos conteúdos particulares da sociação ou interação, em si mesmos não-sociais, mas fundamentais à sociação. O estrangeiro, assim como o viajante e, inlucio, o turista, não podem ser definidos em si mesmos pelos *interesses, as pré-disposições ou as motivações* individuais das quais são portadores. O turista, como forma de interação social, evidentemente, seria o meio através do qual um interesse se realizaria, mas não diz respeito ao interesse individual, condição pré-social, eu acrescentaria. Assim, “As verdadeiras motivações da sociação, condicionadas pela vida, não tem importância para a sociabilidade”(SIMMEL, 1983, p.169). Fazendo minhas, as palavras de Simmel, acredito que *o turista* implica em alguém que *chega hoje e parte amanhã* e que está com um outro desenvolvendo seus interesses através da forma ou unidade da sociação. Mas isso não é tudo. Ainda falta um movimento,o terceiro, algo próprio dessa forma de sociação que o distingua do viajante.

O estrangeiro, por *ficar amanhã* e fixar residência, ainda que por um quantum de tempo não determinado, acaba por se ligar organicamente ao grupo do qual primariamente



não fazia parte. Afinal, ele é o responsável por introduzir qualidades que não são originárias do grupo. Entendo que seja necessário algum tempo para que o estrangeiro goze de certos atributos que lhe confeririam a forma social, como a objetividade, por exemplo, pois, “é o fato deste receber muitas vezes a mais surpreendente franqueza – confidências que têm às vezes o caráter de confissão e que deveriam ser cuidadosamente guardadas de uma pessoa muito chegada” (SIMMEL, 1983, p.184). Como síntese ou unidade, o *turista* também faz parte do grupo, em alguma medida, assim como o estrangeiro. Mas o faz de uma maneira peculiar. Enquanto o estrangeiro goza de uma objetividade positiva, como afirma Simmel, pois unifica a distância e a proximidade sinteticamente, o turista estaria liberto da fixação ou permanência em um determinado território, como o estrangeiro. Creio que a objetividade de que goza o estrangeiro não seria a mesma no caso do turista em decorrência da efemeridade com que o último se encontra em um dado território. O turista, repito novamente, é uma forma social efêmera, tendo tempo certo para começo, meio e fim. Contudo, ainda que efêmera e instável, como o próprio Simmel fala acerca de um *passeio até a família*, ela parece possuir uma existência que vai além do indivíduo. Nesse sentido,

A conservação da unidade coletiva durante um tempo teoricamente infinito dá ao ser social um valor que, ceteris paribus, é infinitamente superior ao de cada indivíduo. A vida individual é inteiramente organizada para cessar em determinado tempo, e, em certa medida, cada indivíduo começa ele mesmo a dura penas, sua própria existência. A sociedade, pelo contrário, não está sujeita a priori a uma duração limitada” (SIMMEL, 1983, p.53).

Se o turista é uma forma social efêmera, passageira, cujo conteúdo ou matéria da socição se realiza nessa forma, ela também se coloca como sociabilidade, socição sem fins ou interesses que não o fato de estar meramente juntos. O turista seria, assim, uma forma específica de sociabilidade, já que, para Simmel, “As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços” (1983, p.168). Ao falar do turista, estou a falar da variável tempo, mas de um tempo que dura a interação para produzir a forma social turista. E é justamente o tempo que dura a socição que tem conseqüências decisivas para a *proximidade e a distância*. A distinção operada por Tönnies entre comunidade e sociedade pode ser bastante elucidativa da forma social do turista. Nesse sentido, “Enquanto, na comunidade, os homens permanecem essencialmente unidos, a despeito de tudo o que os separa, na sociedade eles estão essencialmente



separados, apesar de tudo o que os une” (TÖNNIES, p. 252:1995). Como alguém de fora da *comunidade*, a despeito de tudo o que une o turista à ela, ele estaria fadado irremediavelmente à separação. Por outro lado, o turista é um típico membro da *sociedade*, pois a despeito de tudo o que os une, eles estão essencialmente separados. Se o turista diz respeito a *distância e proximidade*, ele também diz respeito à *cooperação ou conflito e oposição*. Para Leopold Von Wiese, os homens cooperam ou se opõem em determinadas situações quando interagem com outros. As condutas de afastamento e de aproximação seriam como um movimento de vai e vem. A troca está em jogo nos processos também descritos por Von Wiese. Os homens podem estar mais próximos ou mais distantes sem se afastar fisicamente um centímetro uns dos outros<sup>3</sup>. O estrangeiro interage com aqueles cujo grupo ele não faz parte primariamente. Com quem o turista interagiria? Com que intimidade? Com que duração? O turista interagiria com diversas pessoas que moram na localidade em que ele está a visitar ou conhecer. Ele interagiria com os trabalhadores que lhe oferecem hospedagem, alimentação, lazer e diversão, transporte, segurança, saúde, etc. Mas essa interação seria marcada, acredito, pela efemeridade e pelo distanciamento, algo bastante diferente da interação do estrangeiro, um pouco mais estável e duradoura. O turista está premido pela dimensão temporal. Seu tempo em outra localidade é escasso. O turista é aquele que tem pressa; pressa de sair, pressa de chegar, pressa de voltar, pressa de sair novamente. Ser turista é de ter de voltar, necessariamente. Dessa forma, algo mais é importante para definir a forma sociológica do turista: tempo. Talvez, essa mesma seja uma das características centrais da forma social do turista: *tempo*. É disso o que não dispõe a maioria das pessoas quando estão no papel ou condição de turistas. Horas, dias, semanas, meses, esses parecem ser os prazos para a maior parte das pessoas se ausentarem de suas sociedades, ingressarem em outras e retornarem, alterados. Se o turista *chega hoje e amanhã parte*, então, seu tempo fugidio não lhe permite estabelecer relações duradouras e íntimas com aqueles que interage. Mas isso que, num primeiro momento parece ser um problema carregado de aspectos negativos, é mesmo algo positivo nessa forma de socição. O pouco tempo ou a falta de interesse que demonstram turistas pelos lugares, pessoas ou acontecimentos que conhecem, encerra algo da própria forma social turística: já há algum

---

<sup>3</sup> Pessoas viajando dentro de um ônibus super-lotado lado a lado mesmo estando tão próximas se encontram distantes do ponto de vista da distância social, enquanto dois jovens conversando em um *chat* pela Internet, apesar de estar em países diferentes se encontram bastante próximos (SIQUEIRA, 2003, p.14).



outro lugar chamando a atenção do turista ou cativando seu desejo. O turista, por sua interação efêmera, fugaz mesmo, mesmo não parecendo fazer parte de nenhum grupo, devido ao tempo insuficiente, o que não lhe permite introduzir outras qualidades junto ao grupo como o faz o estrangeiro, mais se parece com um vulto ou sombra que por nós passa rapidamente e não é mais visto. Pelo menos não mais do que as demais pessoas que mesmo não sendo nossas conhecidas, habitam conosco um dado território. Arriscaria a dizer que o turista é um *desconhecido* com o qual *cruzamos* nas ruas dos grandes centros sem nem mesmo notarmos e que pode já não estar ali no dia seguinte.

### **Considerações provisórias**

Motivos, interesses e disposições individuais, não bastam para figurar como elementos explicativos do turismo e do turista como fenômenos ou formas sociais. Ainda como elementos puramente individuais, não chegam a conformar sociação (síntese/unidade). Em grande parte, compreender essa relação tem como importante efeito, eliminar as explicações centradas nos aspectos puramente psicológicos que ainda não se tornaram sociais propriamente ditos.

O turista encarna uma síntese de forças que se tornam sociais quando rompem o universo individual, fechado em si mesmo. Ele emerge a partir das interações cujas formas sociais resultam dos processos interacionais e comunicacionais que se dão ainda em sua sociedade, durante seu deslocamento rumo à outra sociedade, chegada e retorno. Como interação social, turismo é uma unidade sintética, assim como aquele que se desloca saindo, chegando hoje, voltando amanhã para chegar novamente outro dia e assim sucessivamente. Creio que seja, então, o momento de fixar a forma social do turista como *aquele que chega hoje e amanhã vai embora*, como o viajante, mas, mais ainda, como *aquele que ao sair amanhã, já parte com o desejo de voltar para sair novamente sem antes mesmo ter chegado*. Resumidamente, o turista é *aquele que chega hoje, sai amanhã e chega novamente hoje num ir e vir ininterrupto*. O turista, então, como relação, não está em lugar algum, assim como não se fixa em lugar algum. Ele não está mais em sua sociedade do que estaria em uma outra qualquer, pois que já se afastou ou se distanciou significativamente de ambos por conta do ritual. Talvez, o turista seja aquele que nunca mais *volte para seu mundo*, pois seu mundo não existe mais enquanto ponto fixo, mas como um *eterno estar entre mundos*. Da mesma forma, ele também não faz parte da sociedade que visita ou



conhece devido a sua curta duração. Premido pelo tempo extremamente instável de sua estadia, o turista é um desenraizado, nômade, errante, sem lugar fixo para chegar ou mesmo voltar. O turista, arricaria dizer, vive a liminaridade perpétua.

### **Bibliografia:**

COOLEY, Charles H. O significado da comunicação para a vida social. In: IANNI, Octavio et al (org.). *Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p.168-179.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SIQUEIRA, Euler David. Interação e comunicação na escola sociológica alemã. LOGOS. Revista de comunicação p.47-55.

\_\_\_\_\_.2006a. O melhor lugar do mundo é aqui: etnocentrismo e representações sociais nas revistas de turismo. In: 25<sup>a</sup>. RBA – Reunião brasileira de antropologia, Goiânia, Goiás. De 11 a 14 de junho de 2006, Campus da Universidade Católica de Goiás e da Universidade Federal de Goiás. Anais da 25<sup>a</sup>. RBA – Reunião brasileira de antropologia: RBA, 2006a. CD-ROM.

\_\_\_\_\_.2006b. Para uma etnografia do cartão-postal: destaque para a garota carioca. In: SeminTur – Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul, IV; Caxias do Sul. De 07 a 08 de julho, Campus da Universidade de Caxias do Sul, RS. Anais do IV SeminTur Mercosul: Universidade de Caxias do Sul, RS, 2006. CD-ROM

\_\_\_\_\_.2006c. Ritual, turismo e cultura: o aeroporto do Galeão como lugar de passagem. In: Congresso brasileiro de ciências da comunicação, XXIX; Anais da Intercom – Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação. De 07 a 09 de setembro de 2006, Campus da Universidade de Brasília. CD-ROM.

SIMMEL, Georg. La Moda. In: SIMMEL, Georg. *Sobre La aventura/ensayos filosóficos*. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1988.

\_\_\_\_\_. El Secreto y La Sociedad secreta In: SIMMEL, Georg. *Sociologia-estudios sobre las formas de socialización*. Espasa-Calpe Argentina S.A., Buenos Aires, 1939.

\_\_\_\_\_. O Estrangeiro. In: MORAES Fº, Evaristo (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. Como as formas sociais se mantêm. In: MORAES Fº, Evaristo (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. Requisitos universais e axiomáticos da sociedade. In: FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. p.63-81

TÖNNIES, FERDINAND. *Principios de sociologia*. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1942.

\_\_\_\_\_. *Community & Society*. New York: Harper & Row, 1957.



WIESE, Leopold Von. Os Processos de Interação. In: IANNI, Octavio et al. (org.). *Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p.212-222.

WIESE, Leopold Von; BECKER, Howard. O contato social. In: IANNI, Octavio et al. (org.). *Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. p.128-136.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1977.

VELHO, Gilberto. Cultura de classe média: reflexões sobre a noção de projeto. In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.